

O recurso ao discurso do outro como forma de posição identitária*

Daniella Lopes Dias**

Resumo

Neste texto, tenho como propósito analisar as estratégias de retextualização do discurso citado, atualizadas em textos que circulam nas áreas de Letras e Comunicação Social, a fim de demonstrar que os modos de referência ao discurso do outro têm funções e formas variadas e, portanto, são formas de posição identitária assumidas e atribuídas aos sujeitos que se formam nessas diferentes áreas.

Palavras-chave: Discurso relatado; Formação acadêmica; Gênero textual.

Vários estudiosos¹ têm procurado descrever a configuração e o funcionamento de gêneros discursivos que circulam na esfera acadêmica. Tais estudos têm enfatizado que a competência comunicativa do aluno universitário nas atividades acadêmicas de letramento compreende a competência textual de produção e recepção de gêneros. Além desse aspecto, esses trabalhos têm procurado mostrar que o estudo dos gêneros no contexto acadêmico propicia, pela linguagem, a construção de conhecimentos. Esse pressuposto, defendido pelos estudos que se filiam à vertente sócio-interacionista, concebe que é na linguagem e pela linguagem que o sujeito se constitui como tal, o que implica a construção de sua posição identitária nos eventos de interação de que participa [cf. BAKHTIN (1995 [1929]); BRONCKART (1999), GOFFMAN (1998)].

Como professora de disciplinas que se ocupam da leitura e produção de textos de cunho acadêmico e pesquisadora, tenho observado que os alunos têm

* Este estudo vincula-se à pesquisa "Os gêneros acadêmicos na formação profissional: práticas discursivas e produção de conhecimentos na leitura e na escrita", desenvolvida na PUC Minas, coordenada pela professora Maria de Lourdes Meirelles Matencio e financiada pelo FIP/PUC Minas (034/2004) e pelo CNPq (403167/2003-5). O trabalho integra-se, também, ao projeto temático "Formação do professor: processos de retextualização e práticas de letramento", coordenado pela professora Dra. Angela Kleiman e financiado pela Fapesp (02/09775-0).

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Cf., dentre outros, Matencio (2001, 2002, 2003, 2004); Matencio e Silva (2003); Assis, Mata & Perini-Santos (2003); Meurer e Motta-Roth (2002); Motta-Roth (2001); Pollet (2001) e Swales (1990).

pouca familiaridade com as práticas prestigiadas de uso da língua escrita do mundo acadêmico. Dentre as dificuldades apresentadas, ressalta-se a que diz respeito à inabilidade de operar com os mecanismos enunciativos que envolvem o gerenciamento de vozes, seja através do uso do discurso relatado (discurso direto e discurso indireto) seja de operadores argumentativos ou de modalizadores. Nessa seqüência, é interessante lembrar um outro ponto que me parece problemático, no que tange à questão em foco. As obras de metodologia científica são pouco adequadas se se considera que a normatização de produção de gêneros científicos não contempla a heterogeneidade das práticas discursivas que os engendram. Ou seja, em detrimento de um aparato puramente técnico, são deixadas à sombra orientações que poderiam voltar-se para as questões relativas ao recurso ao discurso de outrem, que prevêm modos de discursivização distintos e, portanto, efeitos enunciativos e polifônicos diferentes. Resumidamente, o que se percebe é que as normas prescritas por essas obras não contemplam a plasticidade dos gêneros, já que tendem a privilegiar o produto e não os aspectos sócio-comunicativos e funcionais.

Nesse contexto, o texto ora apresentado tem como objetivo examinar as estratégias de textualização de referência ao discurso do outro, utilizadas, comumente, em textos que circulam nas práticas discursivas dos cursos de Letras e Comunicação Social, a fim de revelar que os modos de referência ao discurso do outro têm funções e formas variadas e, portanto, são formas de posição identitária assumidas e atribuídas aos sujeitos que se formam nessas diferentes áreas. Sob essa perspectiva, argumentarei que, nas práticas acadêmicas de ensino de língua materna, é preciso que se leve em consideração a heterogeneidade do dizer científico, pois essa atitude contribuirá para a construção da competência comunicativa do sujeito universitário.

Na primeira seção do artigo, serão discutidos, brevemente, os pressupostos teóricos que orientam o estudo e, na segunda, será apresentada a análise dos dados, a fim de demonstrar as estratégias de textualização do discurso do outro empregadas nas áreas em foco.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O discurso do outro na perspectiva bakhtiniana

Para iniciar minha reflexão e deixar clara a perspectiva que assume este estudo, tomo as seguintes palavras de Bakhtin (1995[1929], p. 149), que salientam que:

... convém discernir claramente até que ponto a apreensão social do discurso de outrem é diferenciada numa determinada comunidade lingüística, até que ponto as expressões, as particularidades estilísticas do discurso, a coloração lexical, etc., são distintamente percebidas e têm uma significação social. Pode ser que o discurso de outrem seja recebido como um único bloco de comportamento social, como uma tomada de posição inanalísável do falante – e nesse caso apenas o “o quê” do discurso é apreendido, enquanto o “como” fica de fora do campo de compreensão.

Parece-me possível interpretar que há práticas discursivas que, do ponto de vista da valoração do discurso do outro, julgam mais importante enunciar “o que se diz” e não “como se diz”. Essas tendências, para Bakhtin (*op. cit.*), são frutos das práticas sociais de cada domínio discursivo,² pois as formas de transmissão do discurso do outro estão sistematicamente atreladas ao contexto comunicativo em que emergem.

Também, para o autor, há dois modos de introdução do discurso de outrem: um visa conservar a integridade e a autenticidade do discurso citado – nesse caso os elementos lingüísticos têm a função de separá-lo do discurso citante –, outro prevê a língua sendo integrada aos discursos citantes de modo que as enunciações se imbricam.

À luz desse quadro, a hipótese que me parece razoável construir em relação ao uso que se faz do discurso citado é a de que, mesmo no interior de um domínio discursivo – no caso, o domínio acadêmico –, pode haver peculiaridades de uso, tendo em vista os valores que são construídos/engendrados no interior das práticas discursivas de cada curso, e, portanto, as posições identitárias assumidas. Em outros termos, os usos lingüísticos das comunidades discursivas, ao mesmo tempo em que são marcados por necessidades práticas de padronização, representam valores assumidos e compartilhados, construindo, portanto, a identidade social do grupo (cf. SIGNORINI, 2001).

Formas de referência ao discurso do outro

Para discutir os modos e funções de referência ao discurso do outro, remeto-me, também, aos trabalhos de Boch e Grossmann (2002, p. 100). O quadro a seguir, reproduzido aqui integralmente, apresenta a tipologia do discurso do outro descrita pelos estudiosos:

² A noção de domínio discursivo adotada por este estudo reporta-se às reflexões de Marcuschi (2002), segundo as quais o domínio discursivo “designa uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos” (p. 23).

tar que filio-me ao pressuposto de que o uso que se faz da língua esteja relacionado aos gêneros discursivos, já que é neles e por meio deles que o discurso se materializa –, pois o objetivo central que orienta esse estudo é o de verificar a diversidade de formas do discurso citado no interior de um mesmo domínio discursivo.

O DISCURSO CITADO (CITAÇÃO AUTÔNOMA) NOS CURSOS EM ESTUDO

Os exemplos utilizados neste texto foram retirados de textos de livros técnicos – tanto da área de Letras como da de Comunicação Social – e do Projeto Pedagógico da área de Comunicação Social de uma universidade particular de Minas Gerais. Essas escolhas devem-se ao fato de que, ao que me parece, os textos que circulam nessas áreas são modelos de como seus produtores discursivizam o modo de dizer acadêmico. Vejamos, então, a forma recorrente do discurso citado no curso de Comunicação Social:

Exemplo 1⁸ (Projeto Pedagógico)

A contemporaneidade se caracteriza pela redefinição dos meios tradicionais de produção/captação das mensagens, assim como pela mobilidade dos papéis de emissor e receptor, intermediados pelas novas possibilidades tecnológicas e de linguagem oferecidas pelos atuais canais de comunicação. Nesse contexto, modifica-se não apenas a atividade da comunicação social como toda a interação simbólica efetuada pela mídia e pelas organizações.

“(…)é preciso tratar artistas, intelectuais e acadêmicos como especialistas em produção simbólica e examinar seu relacionamento com outros especialistas simbólicos na mídia e os envolvidos em ocupações relacionadas com a cultura de consumo (...). A esse respeito convém focalizar o surgimento do que Bordieu (1984) chama de “novos intermediários culturais”, que rapidamente fazem circular a informação entre áreas da cultura anteriormente isoladas, bem como o surgimento de novos canais de comunicação sob condições de crescente competição”. (FEATHERSTONE, 1995, p. 28)

Desde o surgimento dos satélites com as transmissões ao vivo até a Internet, as tecnologias de telecomunicação vêm propiciando o aparecimento de trocas simbólicas dispersas geograficamente, redefinindo o papel dos tradicionais veículos de comunicação. Isso não apenas redefine a atuação social de tais meios, como também o papel de quem neles atua como produtor de mensagens: jornalistas, publicitários e relações públicas, por exemplo.

⁸ Exemplos retirados de Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social de uma universidade privada de Belo Horizonte.

Exemplo 2 (Projeto Pedagógico)

[...] os sistemas de linguagem tornam-se cada vez mais híbridos, exigindo igual postura por parte daqueles que neles atuam, seja como emissores, receptores ou ambos simultaneamente.

“(...)as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam, sendo que, nessas redes, cada mídia particular tem uma função que lhe é específica. É por isso que o aparecimento de cada nova mídia, por si só, tende a redimensionar a função das outras”. (SANTAELLA, 1992, p. 21)

A consequência óbvia do redimensionamento atual dos meios de comunicação em função das novas tecnologias é que transformam-se também os modos de apreensão/produção da realidade, uma vez que esta não se processa independente dos meios de representação. Conseqüentemente, mudam-se também a sociedade e seus valores.

Exemplo 3⁹ (Livro técnico)

A interdependência das expectativas, ou empatia, trabalha na interdependência da imagem, ou seja, o emissor leva consigo a imagem do receptor a partir da forma imaginada do que ele seja, produzindo então uma mensagem que contém certa previsibilidade comportamental ou mesmo de resposta desse receptor.

Como fonte e receptores, temos expectativas, sobre uns e sobre outros, que influenciam nossos comportamentos de comunicação. O comportamento é influenciado também pelas nossas imagens de nós mesmos. As imagens próprias influenciam as espécies de mensagens que criamos e os tratamentos que lhe damos. Nossas expectativas sobre o próprio comportamento influenciam as mensagens a que atendemos. (BERLO, 1999, p. 121)

É a nossa percepção do outro ou dos outros que nos leva a concluir que conhecemos esse outro, e, portanto, já assumimos que sabemos como age, como pensa, como reage, quais são os seus sentimentos e emoções, enfim criamos a expectativa quanto a conhecer o outro ou os outros, caracterizando como empatia essa capacidade de projetar-nos no interior das personalidades de outras pessoas. (GALINDO, 2002).

Nos exemplos em questão, é possível verificar que não há marcas lingüísticas que materializam nem o diálogo entre o discurso citado e o discurso citante – embora essa ausência não represente uma “atitude responsiva de quem enuncia” – nem a fronteira que os delimita (a não ser o próprio recurso de paragrafação).

Já nas práticas observadas no curso de Letras, pude verificar – conforme os exemplos a seguir ilustram – que há elementos referenciais (em negrito – *tal concepção, seguinte, esse parágrafo*) que materializam lingüisticamente a assunção do ponto de vista do discurso citado pelo discurso citante. Desse modo, esse último se vale do que diz o primeiro para construir sua argumentação. Vejamos:

⁹ Exemplo retirado de Galindo (2002).

Exemplo 4¹⁰ (Livro técnico)

[...] Nessa teoria, a língua é viva, produzida na história e, ao mesmo tempo, produtora da história dos homens. Ela é revelada/constituída nas diversas enunciações que têm lugar nas diferentes situações sociais, pelos gêneros do discurso.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso ... [...] (Bakhtin, 1979 [2000], p. 279)

Tal concepção de língua é diversa e, muitas vezes, oposta àquelas que circulam usualmente nas salas de aula de Língua Portuguesa. (POMPÍLIO *et al.*, 2002).

Exemplo 5 (Livro técnico)

A primeira das duas passagens é a seguinte e se encontra em Pêcheux (1969:82):

“Observamos que (...) a teoria da informação, subjacente a este esquema [o da comunicação formulada por Jakobson], leva a falar de mensagem como transmissão de informação [...].”

Muitos analistas do discurso, não sei se também os mestres ou só os epígonos, interpretam esse parágrafo de forma reducionista [...]. (POSSENTI, 2002).

Essas diferenças sinalizam que, no domínio acadêmico, o modo de dizer científico pode apresentar variações em razão, por exemplo, dos propósitos comunicativos, dos papéis (sociais, comunicativos, pessoais) assumidos pelos interlocutores, da atitude enunciativa – discursiva – do produtor em relação ao texto citado. Resumidamente, o que se quer dizer é que as condições de produção e funcionamento dos textos que circulam em cada curso legitimam as ações de linguagem que lhes são próprias, como também caracterizam sua identidade. Em outras palavras, o modo de discursivização reflete a ação do sujeito e da comunidade discursiva, o que me parece ser a emergência de um posicionamento identitário. Portanto, as atividades de ensino de leitura/produção de textos que privilegiaram o estudo dos gêneros científicos devem considerar a heterogeneidade das práticas discursivas, pois a formação do profissional das diferentes áreas está ligada em grande medida à apropriação do saber dizer e do saber fazer científico legitimado por essas comunidades.

¹⁰ Exemplos 4 e 5 retirados de Pompílio *et al. apud* Rojo (Org.). (2002. p. 95); e Possenti (2002. p. 169), respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou mostrar que a atualização de estratégias de textualização (modos de discursivização) do discurso citado em textos que circulam nas diferentes práticas discursivas dos cursos de graduação em foco é relativamente distinta, tendo em vista as especificidades das atividades empreendidas pelos cursos em questão. Entendo, então, que, no estudo do funcionamento e da configuração dos gêneros como instrumentos¹¹ que viabilizam a inserção do sujeito nas práticas discursivas de leitura e escrita, há de se considerar as variações e, portanto, as diferentes maneiras de funcionamento e configuração dos gêneros acadêmicos, apesar de atualizarem-se em um mesmo domínio discursivo. É preciso assinalar que, se os gêneros se integram funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, incorporando no seu funcionamento o trabalho lingüístico-discursivo do sujeito e da comunidade que o atualiza, construído historicamente, as representações dos professores sobre os gêneros acadêmicos devem ser “*re-pensadas*” no interior dos cursos que tomam tais gêneros como material de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, os gêneros podem, efetivamente, se definir como instrumentos de reflexão sobre o funcionamento da língua/gem na esfera acadêmica.

Résumé

Dans ce texte, j'ai le propos d'analyser les stratégies de textualisation du discours d'autrui dans des textes qui circulent dans les domaines de Lettres et de la Communication Sociale, avec le but de démontrer que les modes de référer au discours d'autrui ont de fonctions et de formes variées et, donc, sont des formes de position identitaire assumées et attribuées aux sujets qui sont en formation dans ces différents domaines.

Mots-clés: Discours d'autrui; Pratiques discursives; Formation académique; Genre textuel.

¹¹ A esse respeito ver Schneuwly (2004).

Referências

- ASSIS, J. A.; MATA, M. A. da; PERINI-SANTOS, P. Ensino/aprendizagem de resumos acadêmicos em sala de aula: negociação de representações. In: ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO, 2. Anais... Belo Horizonte: FAE, julho de 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Lahud M. e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995. (Original de 1929).
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Tradução Pereira, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Original de 1979).
- BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.
- BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.
- GALINDO, D. dos S. **Propaganda inteira & ativ@**. São Paulo: Futura, 2002.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; PEDRO M. G. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.
- MATENCIO, M. L. M. Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001. (Projeto de Pesquisa, Fapemig, SHA 0419/01).
- MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.
- MATENCIO, M. L. M. O letramento inicial de professores de Português: atividades de retextualização e processo de inserção em práticas acadêmicas de leitura e escrita. Belo Horizonte: PUC MINAS. 2003. (Projeto de pesquisa, FIP PUC Minas, 034/2004; CNPq, 403167/2003-5).
- MATENCIO, M. L. M. O recurso ao discurso do outro na formação inicial: um estudo de textos de alunos de Letras. Trabalho apresentado no 14º INPLA. São Paulo: PUC-SP, abr. 2004.
- MATENCIO, M. L. M.; SILVA, J. Q. G. Retextualização: movimentos de aprendizagem. In: ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO, 2. Anais... Belo Horizonte: FAE, julho de 2003.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. *et al.* (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MEURER, J. L.; MOTA-ROTH, D. **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: Edusp, 2002.
- MOTA-ROTH, D. **Redação acadêmica: princípios básicos**. Santa Maria: Universidade de Santa Maria, 2001.
- POLLET, M. **Pour une didactique des discours universitaires: étudiants et système de communication à l'université**. Bruxelles: De Boeck Université, 2001.

POMPÍLIO, W. B. *et al.* Os PCNs: uma experiência de formação de professores do ensino fundamental. In: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. p. 93-126.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. São Paulo: Criar, 2002.

SIGNORINI, I. Desconstruindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: _____. **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SILVA, J. Q. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1999.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Rojo R. e Cordeiro G. S. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 25-31.

